



O Ideário Patrimonial O идеарио

Culturas oriundas da África,
América e Europa

**CEMITÉRIOS HISTÓRICOS EM SANTO AUGUSTO,
RIO GRANDE DO SUL, BRASIL: ASPECTOS DE
SIMBOLOGIA E CULTURA MATERIAL EM TRÊS
ESPAÇOS CEMITERIAIS**

**HISTORIC CEMETERIES IN SANTO AUGUSTO, RIO
GRANDE DO SUL, BRASIL: ASPECTS OF SYMBOLS
AND MATERIAL CULTURE IN THREE
CEMETERIAL SPACES**

Recebido a 28 de maio de 2021
Revisto a 12 de julho de 2021
Aceite a 29 de agosto de 2021

Ana Gabriela Ribeiro de Souza Padilha

Graduada em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil
ana_gabrieladesouza@hotmail.com

Jaisson Teixeira Lino

Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil
lino@uffs.edu.br



Resumo

O presente trabalho tem como objetivo principal promover um estudo comparativo entre os aspectos simbólicos e materiais presentes em jazigos dos cemitérios dos Paivas, dos Prates e do Municipal Papa João XXIII, em Santo Augusto, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Datados a partir de meados do século XIX, possuem parâmetros necessários para uma análise comparativa do que chamamos aqui de “arte cemiterial”, em que se constitui de um conjunto de elementos simbólicos e materiais que mantém vivo nestes espaços os costumes, crenças, símbolos e afetos de uma geração. Para tanto, foi desenvolvido um estudo comparativo buscando compreender os aspectos que se aproximavam e distanciavam entre um cemitério e outro.

Palavras-Chave: Cemitérios históricos; Patrimônio cultural; História Local.

Abstract

The present article has as main objective to promote a comparative study between the symbolic and material culture aspects present in the cemeteries of Paivas, Prates and Municipal Pope João XXIII, in Santo Augusto, Rio Grande do Sul State, Brazil. Dating from the middle of the 19th century, they have the necessary parameters for a comparative analysis of what we call here “cemetery art”, in which it constitutes a set of symbolic and material that keeps customs, beliefs, symbols and affections alive in these spaces for different generations. To this end, a comparative study was developed seeking to understand the aspects that approached and distanced between one cemetery and another.

Keywords: Historical Cemeteries; Cultural Heritage; Local History.

1. Introdução

A arte cemiterial e sua ligação com a história das famílias, bem como a história de determinada localidade tem sido aprofundada cada vez mais no universo científico. Conforme Renata de Souza Nogueira (2013, p. 14) apresenta, é preciso estar atento “a configuração de reproduções simbólicas da sociedade extramuros.”

Esses símbolos que se reproduzem nos espaços cemiteriais configuram-se como percepções do que Nogueira (2013) caracteriza por “um mesmo patrimônio cultural”. De um lado tem-se a arte aplicada no monumento, por outro, percebe-se a propagação da subjetividade por meio de elementos que viabilizam crenças e tradições no mesmo espaço.

É a partir da compreensão dessa confluência de fatores que os espaços cemiteriais são percebidos não mais como simples “morada dos mortos”. O valor cultural dos cemitérios de Santo Augusto (Figura 1), no Rio Grande do Sul, só ganha dimensão se percebido pelo olhar de quem o produziu e utilizou daqueles espaços. No entanto, é importante considerar que mesmo as necrópoles que são desprovidas de ornamentos ou adereços religiosos, também possuem um valor simbólico naquele espaço, de acordo com sua configuração temporal e social.

Tiago Nicolau de Araujo (2014, p. 85) corrobora com esta perspectiva ao afirmar que “neste sentido é que a necrópole, portanto, não seria a ‘cidade dos mortos’, mas sim a “cidade dos vivos e dos mortos”, pois expressa os sentimentos sociais que marcam determinadas culturas em determinados períodos, bem como o contexto histórico em que estão inseridas.”

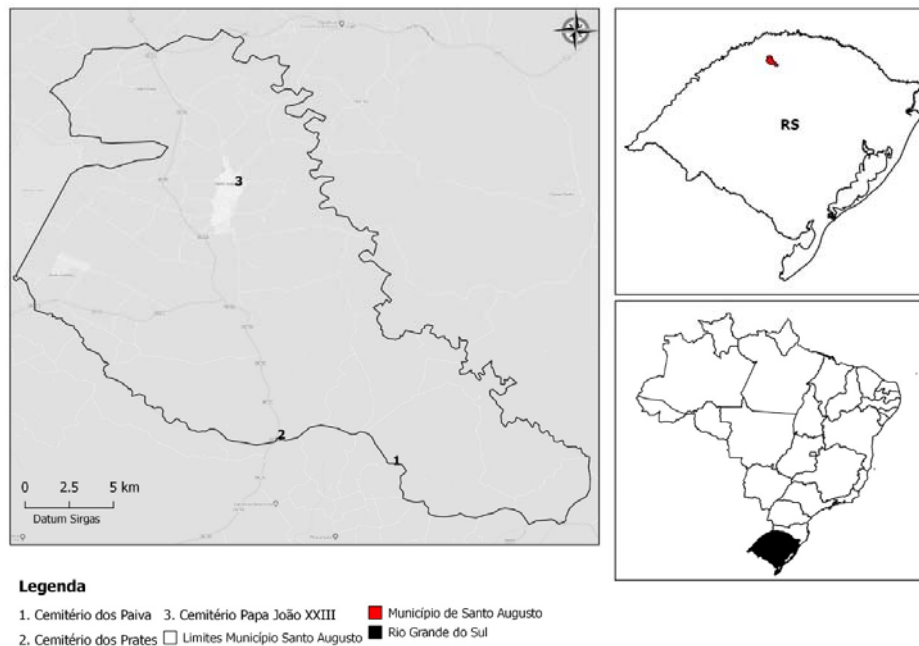


Figura 1 - Mapa dos cemitérios de Santo Augusto, RS. Fonte: Desenho de Fábio Araújo.

Michel Vovelle (1997) chamou a atenção para o fato de que a chamada “arte tumular” só recebeu uma reconfiguração e se estabeleceu de modo mais significativo ao longo do século XIX e primeiras décadas do século XX. Isso reforça a ideia de que, toda produção material nos espaços cemiteriais anterior a esse período não tinham as formas de ostentação características da arquitetura que foi difundida por meio de estilos estatuários, por exemplo, em meados do século XIX.

A partir de três cemitérios inventariados e analisados, pode-se observar semelhanças e diferenças entre os cemitérios de Santo Augusto – dos Paivas, dos Prates e Municipal Papa João XXIII. Deste modo, neste artigo desenvolveu-se reflexões e comparações sobre este objeto de estudo, demonstrando padrões e idiossincrasias, possíveis mudanças e permanências nos cemitérios em Santo Augusto e seus reflexos para a história local, pois, segundo Araújo (2014, p. 86) “é na diversidade de adereços que compõe a arte funerária que se torna possível identificar as concepções religiosas presentes em um campo santo.”

2. Aspectos materiais e simbólicos do cemitério dos Paivas, do cemitério dos Prates e cemitério Municipal Papa João XXIII.

Antes de iniciar a análise, é importante situar o recorte de tempo deste estudo. Sobre as datações de nascimento presentes nos túmulos, observou-se que o período de ocupação do território de Santo Augusto esteve mais presente. Embora muitas áreas da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul tenham sido colonizadas por populações de origem europeia mais tardiamente, acompanhando as segundas e terceiras levas de colonização, sobretudo, de origem italiana e alemã, nota-se que na área em tela a ocupação não-indígena remonta à primeira metade do século XIX, menos de 100 anos após a destruição das reduções jesuíticas na região (Golin, 2008).

No cemitério dos Paivas existe um túmulo com data de nascimento no ano de 1842; No cemitério dos Prates há data de nascimento em túmulo do ano de 1853 e no cemitério municipal Papa João XXIII um túmulo com data de nascimento em 01 de janeiro de 1863, (Figuras 2 a 5).



Figura 2 - Cemitério dos Paivas, nasc. 1842. Fonte: Foto dos autores.



Figura 3 - Cemitério dos Prates, nasc. 1853. Fonte: Foto dos autores.



Figura 4 - Cemitério dos Prates, nasc. 1875. Fonte: Foto dos autores.



Figura 5 - Cemitério Municipal, nasc. 1863. Fonte: Foto dos autores.

Assim, havia-se já uma ocupação não-indígena na região antes mesmo das políticas sistemáticas de ocupação do território por migrantes de origem europeia ocorridas no período do segundo império brasileiro (1840-1889), da lei de Terras de 1850 (Oliveira, 2000, p. 25), e de conflitos importantes como a Guerra do Paraguai (1864-1870). De acordo com Oliveira (2000), a ocupação histórica na região se deu pela instalação de fazendas de criação de gado no decorrer do século XIX, em torno da qual a economia local se desenvolveu.

2.1. Datas de nascimento

No cemitério dos Paivas, existem túmulos com datas de nascimento cobrindo um período de oitenta anos (1840 a 1920). No cemitério dos Prates as datas de nascimento cobrem um período que vai da década de 1850 à 1970, havendo ocorrências maiores nas

décadas de 1870, 1880, 1900, 1910 e 1940. No cemitério municipal Papa João XXIII temos ocorrências que vão das décadas de 1860 à 1970, com uma maior frequência nas décadas de 1880 e 1900. Conclui-se que o cemitério dos Paivas já foi abandonado faz um longo tempo, o dos Prates e o cemitério municipal ainda estão em funcionamento (Figuras 6 e 7).



Figura 6 - Cemitério dos Prates, nasc. década de 1970.
Fonte: Foto dos autores.



Figura 7 - Cemitério dos Prates, nasc. 1970. Fonte: Foto dos autores.

2.2. Datas de falecimento

Sobre as datas de falecimento, temos as mais antigas em um túmulo da década de 1910 no cemitério dos Paivas; um jazigo da década de 1900 no cemitério dos Prates e um da década de 1920 no cemitério municipal. Observa-se uma regularidade na antiguidade dos enterros entre os três cemitérios, devendo estar associado com o período de colonização de origem europeia da área e as semelhanças dos primeiros óbitos. É importante destacar, conforme ressalta Sandro Blume (2010, p. 12), que “a religiosidade dos imigrantes alemães perpassava as questões do cotidiano, no que se refere a mentalidades, rituais e práticas relacionadas à morte e ao morrer.” (Figuras 8 e 9).



Figura 8 - Túmulo do Cemitério dos Prates, falecimento década de 1900. Fonte: Foto dos autores.



Figura 9 - Túmulo Cemitério Municipal Papa João XXIII, falecimento década de 1930. Fonte: Foto dos autores

A cronologia exhibe datas de morte no cemitério dos Paivas que vão da década de 1910 à década de 1970; no cemitério dos Prates temos túmulos com mortes da década de 1900 à 1990 e no cemitério municipal da década de 1920 à 1990. Nota-se que o cemitério dos Paivas provavelmente foi desativado na década de 1970. Em resumo, tem-se datas de falecimentos que cobrem um período de 70 anos do século XX.

2.3. Aspectos gerais dos jazigos

As datas de nascimento e de morte fornecem informações importantes sobre a cronologia de povoamento histórico da região e as datas nos túmulos estão em consonância com o período de povoamento não-indígena na área segundo pesquisas de Odilon Gomes de Oliveira (2000, 2010), que atesta para a área o início da colonização na década de 1820. Assim, 20 anos depois pessoas estavam sendo enterradas nos cemitérios pesquisados neste artigo.

Embora não se possa afirmar com segurança a origem de diversos sobrenomes, no que se referem aos países/etnias europeias de origem, tenta-se aqui esboçar uma análise deles, considerando que àqueles classificados como luso-brasileiros sejam os mais

problemáticos de conceituação. Contudo, entende-se que os sobrenomes luso-brasileiros são aqueles pertencentes obviamente à matriz portuguesa, mas somados com indivíduos que também nasceram no Brasil e com origens étnicas diversas ou miscigenadas como índios e afrodescendentes que, geralmente, adotaram sobrenomes lusitanos. Já os sobrenomes de origem alemã e italiana, por exemplo, parecem mais fáceis de identificação. Outro dificultador é que a região foi desde o início da colonização europeia disputada por portugueses e espanhóis e assim, podem existir sobrenomes comuns na península ibérica como um todo, sendo um desafio enorme diferenciar sobrenomes de ambos os países.

No cemitério dos Paivas tem-se maioria de sobrenomes luso-brasileiros, havendo também a presença de sobrenomes de origem espanhola, alemã e compostos, existindo entre eles pouca variabilidade, já que os luso-brasileiros se encontram em número de 3. Já no cemitério dos Prates observa-se uma grande quantidade de túmulos com nomeações luso-brasileiras, seguidas de modo muito eventual por sobrenomes espanhóis, alemães e compostos. Por fim, no cemitério municipal aparecem mais túmulos com nomeações italianas, mas acompanhado de perto pelos luso-brasileiros, seguidos de maneira eventual por espanhóis e compostos, (Figuras 10 e 11).



Figura 10 - Cemitério dos Prates, sobrenome luso-brasileiro.
Fonte: Foto dos autores.



Figura 11 - Cemitério Municipal, sobrenome italiano. Fonte:
Foto dos autores.

Apesar de atualmente existirem diversas etnias que compuseram o quadro da colonização regional, observa-se uma preponderância de sobrenomes luso-brasileiros. Isto pode ser explicado por dois motivos básicos. Primeiro, trata-se da ocupação de origem europeia mais antiga da região, que remonta desde o início da instalação das missões jesuíticas em 1630 (Gutierrez, 1987).

Segundo, além da ocupação portuguesa, índios e africanos compunham o povoamento e mesmo com as relações interétnicas na maior parte dos casos os sobrenomes portugueses foram mantidos. As colonizações italianas e alemãs, mais tardias que ocorreram em fins do século XIX estão pouco presentes nestes cemitérios, com exceção do cemitério municipal na qual os italianos aparecem em número proporcional considerável.

Em outras áreas tem-se observado que os colonos de origem alemã procuravam muitas vezes enterrarem seus entes em cemitérios específicos, segregados de outras etnias. Seria o caso de investigar se na região poderia ter acontecido o mesmo processo. Como região de fronteira colonial, podemos observar a presença de sobrenomes espanhóis. Mesmo que em minoria, denotam origens que remontam às disputas territoriais entre as duas potências ultramarinas ibéricas.

Sobre as matérias-primas empregadas na confecção dos túmulos, nos três cemitérios analisados tem-se como resultado uma predominância do uso de alvenaria. Isto aponta para um cuidado maior na produção deles, já que a alvenaria, dos materiais empregados, parece ser o mais resistente de todos, mostrando cuidados para que os jazigos não fossem facilmente destruídos pelas intempéries ou mesmo ações antrópicas.

Além disso, alguns modismos decorativos foram observados no uso da matéria-prima, como azulejos que cobrem túmulos de diversas décadas do século XX, podendo ter sido colocados no ato do enterramento ou a posteriori. O mármore, encontrado em poucos túmulos é um dos materiais mais caros, e dependendo de cada caso, podem denotar seu uso como diferenciador socioeconômico do falecido e seus familiares (Figuras 12 e 13).



Figura 12 - Cemitério Municipal, túmulo com azulejo.
Fonte: Foto dos autores.



Figura 13 - Cemitério Municipal, túmulo de alvenaria.
Fonte: Foto dos auto

Segundo Jacqueline Ahlert (2017, p. 2) ‘A religiosidade, associada aos hábitos culturais, a posição social e as possibilidades econômicas de cada família ou pessoa, presta características únicas aos cemitérios. Na configuração de seus sentidos, utilizam-se imagens, formas, dizeres e símbolos que distinguem suas crenças e o lugar que ocupavam na sociedade enquanto vivos.’

O desejo dos familiares de deixarem gravados nos jazigos mensagens de religiosidade, conforto, dor, saudades e esperança estão materializados pelas epígrafes, frases geralmente curtas que expressam ideias e comportamentos. No cemitério dos Paivas temos uma maioria de jazigos que apresentam epígrafes. No cemitério dos Prates tem-se resultado oposto, com uma grande maioria de sepulturas sem epígrafes. No cemitério municipal João XXIII também tinha-se um maior número sem epígrafes, apesar de que neste caso a diferença para com as que possuem é menor.

Dentre os epitáfios, a maior parte quando presente nos jazigos refere-se às lembranças e saudades familiares e ao tradicional “Aqui jaz...” seguido do nome do falecido. Alguns exemplos de epitáfios:

a) No Cemitério dos Paivas: “Lembrança de seu filho”; “Aqui jaz os restos mortais de...”, “Kein Arzt Keine heilung wahrfür mich bis Jesus sprach ich heile dich” (Tradução livre: Nenhum médico pode mais que Jesus que falou: 'irei curar você');

b) No cemitério dos Prates: “Prezente do seu padrinho”; “Há um portão aberto no fim dessa estrada por onde cada um de nós há de passar...”; “Lembranças dos filhos e netos”;

c) No Cemitério Municipal Papa João XXIII: “Fal. 26/11/1929 com 88 anos de idade”; “Lembrança eterna dos filhos e genros”; “Aqui jaz ... Saudades de seus filhos”; “Uma lágrima pelos finados se evapora uma flor sobre seu túmulo fenece uma oração pela sua alma recolhe a Deus.”

Em geral, se percebe um certo padrão nas frases presentes nos epitáfios, seja a nível diacrônico, seja sincrônico. Existem, contudo, algumas singularidades, dentre elas destacando-se um epitáfio no cemitério dos Paivas escrito em alemão, podendo ser um elemento de diferenciação e orgulho étnico expressado no túmulo, mantendo uma distinção étnica em vida e transportada para o epitáfio que mantêm a distinção no cemitério e que, por estar em outra língua, segmenta àquelas pessoas que tem condições



de entender o que está escrito. No cemitério municipal destaca-se o epitáfio em forma de poema com mensagem de dor (lágrima), homenagem (flor) e prece (oração).

A simbologia cristã está presente nos três cemitérios estudados, com vários símbolos que buscam transmitir mensagens e códigos, com reflexos na sociedade dos vivos. Abaixo, apresentamos os símbolos mais comuns, sendo sua descrição baseada em Dalmaz (2008) e no Dicionário de Símbolos (dicionariodesimbolos.com.br) e de símbolos cemiteriais (graveaddction.com). Bellomo (1996, p. 3) afirmou que “As inscrições, símbolos, estátuas, pinturas nos mostram a religiosidade local e a relação religião/morte. Anjos, Cristos, crucifixos e estátuas de santos nos revelam a visão cristã e as devoções mais comuns da região”.

a) Cruz: Este símbolo tem sido utilizado por diversas culturas e religiões, inclusive pré-cristãs, no decorrer da história, cada qual com significados diferentes. Trata-se do símbolo máximo do cristianismo, estando presente com diferentes formas em igrejas, cemitérios e outros espaços religiosos. Nos cemitérios possui fortes significados ligados à morte, mas também à ressurreição e vida eterna, já que Jesus Cristo morreu crucificado e depois ressuscitou. Em quase todos os túmulos dos três cemitérios a cruz está presente ou como um artefato na parte superior, ou gravada em baixo ou alto relevo junto às outras simbologias. Pode estar presente somente a cruz ou ainda pode aparecer com Jesus crucificado (crucifixo);

b) Ramo de Palma: Os ramos de Palma possuem basicamente dois significados antagônicos no contexto dos cemitérios: de um lado expressam vitória e renascimento, e de outro, dor e sofrimento. A ligação entre este símbolo e a presença nos cemitérios se deu devido às passagens bíblicas que mostraram a ligação dos ramos de palma com estes sentimentos. Trata-se de simbologia muito comum em dois dos três cemitérios analisados, podendo encontrar-se sozinhos ou compostos com outras imagens. No cemitério dos Prates foram identificados 16 destes símbolos e no Cemitério Municipal está presente em 8 túmulos. Nas composições, destacam-se a presença do ramo de palma junto à anjos, cruzeiros, e flores como rosas, lótus e copos de leite;

c) Flores: As flores aparecem em considerável quantidade nos túmulos pesquisados e são comuns em jazigos por cemitérios mundo afora. Dentre as flores, a mais comum é a rosa, que desde antes do advento do cristianismo possui significados de amor, beleza e virgindade, como no caso da mitologia grega. Provavelmente a rosa nos

cemitérios cristãos simboliza estes mesmos sentimentos, sendo inclusive simbolo da Virgem Maria. No cemitério dos Paivas as rosas aparecem em 3 túmulos, no cemitério dos Prates em 7 e no Cemitério Municipal em 6 túmulos. A flor de lótus também está presente em alguns jazigos, possui significados especiais entre diversas culturas e religiões mundo afora e expressa sentimentos de paz, prosperidade, fertilidade, nascimento e ao que parece, expressa nos túmulos sentimentos de renascimento. No cemitério dos Paivas aparece em 2 túmulos, no dos Prates em 1 e no cemitério municipal em 1. Outra flor identificada é a popular “copo de leite” encontrada em 2 túmulos do cemitério Municipal, não havendo significado relacionado com simbologias religiosas. Também foram encontradas figuras de flores não identificadas nas lápides, sendo que devem expressar os mesmos sentimentos das rosas e lótus. A composição das flores com outros simbolos é bem variada, podendo estar associada com cruces, Virgem Maria, ramos de palmas, corações, estrelas e anjos;

d) Coração: Dentre os diversos sentimentos positivos que o coração tem e que está fortemente consolidado em passagens bíblicas, o do amor é o que se sobressai e este deve ter sido o sentido básico da presença do coração nos jazigos mortuários. Pode aparecer como o Sagrado Coração de Jesus, que expressa o amor por todos os seus “irmãos” ou o Sagrado Coração de Maria, que representa o amor da mãe pelo filho. No cemitério dos Prates o Sagrado Coração de Jesus está presente em 4 túmulos e do Sagrado Coração de Maria em 2. No cemitério municipal o Sagrado Coração de Jesus aparece em 1 e um coração em outro;

e) Estrela: A estrela para o cristianismo possui significados de luz, renascimento, sabedoria, renovação, esperança ou ainda é utilizada como metáforas de Jesus e Maria, conforme passagens bíblicas que atestam isso. No cemitério dos Paivas a estrela aparece em 1 lápide e no cemitério Municipal em 3;

f) Uvas: Tal fruta representa o sangue de Cristo e não se trata de tema muito comum em cemitérios. Em nossa pesquisa encontramos o “cacho” de uvas somente em 1 lápide no cemitério Municipal;

g) Trevo de Quatro Folhas: Possui diversos significados, podendo significar no contexto cemiterial o desejo de sorte além-vida. Observa-se também que possui semelhanças com a cruz e entre algumas culturas cada folha significa fé, esperança, sorte e amor. Chama atenção que o trevo de três folhas não aparece nos jazigos analisados, já que é símbolo da Santíssima Trindade e seria de se supor que pudesse estar presente.



Contudo, o trevo de quatro folhas está presente em 2 lápides no cemitério dos Paivas, em 6 no cemitério dos Prates e em 3 no cemitério Municipal;

h) Anjos: Como mensageiros e intermediários entre o céu e a terra, os anjos podem ser considerados no contexto da morte como os guias dos entes queridos que estão fazendo a passagem do mundo terreno para o céu e por isso aparecem em algumas artes tumulares. Aparece em 8 jazigos no cemitério dos Prates e em 4 no cemitério municipal. Pode aparecer de pé ou sentado, às vezes, compondo a cena com outras simbologias como flores, ramos de palmas, etc;

i) Outros: Ainda há a presença de outros símbolos, como “mãos se cumprimentando” ou “mãos dadas” que aparece com grande frequência e que possivelmente podem representar **união**, companheirismo, cuidado, respeito, cumplicidade, amizade, amor, confiança. As “mãos se cumprimentando” podem representar a confiança e união com Deus ao se encontrar com ele na pós-vida; isso mostra uma crença na continuidade (Figuras 14 a 17).

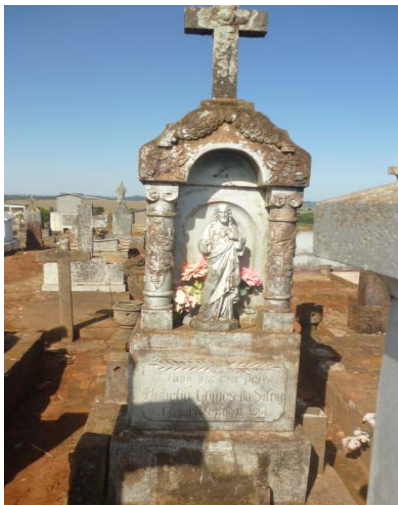


Figura 14: Cemitério dos Prates, coração. Fonte: Foto dos autores.



Figura 15: Cemitério Municipal, flores. Fonte: Foto dos autores.



Figura 16: Cemitério dos Prates, aperto de mãos. Fonte: Foto dos autores.



Figura 17: Cemitério dos Prates, anjo. Fonte: Foto dos autores.

3. Comentários de encerramento

A delimitação deste artigo dedicou-se a realizar o registro dos dados observados nos três cemitérios supracitados, estando esses dados relacionados à data de nascimento, data de óbito, sobrenomes, matéria-prima, apresentação ou não de epígrafe, dentre outros.

Diante das informações apreendidas, foi possível fazer comparações e diferenciações entre os cemitérios, reflexões e questionamentos.

A partir das datas de nascimento registradas foi possível perceber que a ocupação remete à segunda metade do século XIX; embora as áreas da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul tenham sido colonizadas por populações europeias, posteriormente, acompanhando um segundo momento de colonização alemã e italiana. Percebeu-se uma presença do não indígena na região antes mesmo do sistema de ocupação por migração europeia do segundo império brasileiro.

As datas de óbitos mais antigas registradas nos túmulos ocorreram na primeira metade do século XX. A partir dessas datas, houve uma continuação desses óbitos devendo significar uma associação ao período de colonização europeia.

No que diz respeito aos sobrenomes, é possível visualizar uma etnia em que os luso-brasileiros apareciam em maior número no Cemitério dos Paivas e dos Prates, enquanto no cemitério municipal havia uma maioria italiana. Luso-brasileiros, referem-se aos que vieram originalmente de Portugal, mas que ocorreu miscigenação com outras origens étnicas. Como a região foi local de disputa entre portugueses e espanhóis, a

interpretação é dificultada, pois poderia haver sobrenomes comuns em toda península ibérica.

A matéria-prima que predomina nos três cemitérios é a alvenaria e possivelmente isso se dá devido à maior resistência que este material apresenta. Há ainda aqueles que foram modificados ou decorados com azulejos e os de mármore em menor número.

Dos túmulos analisados nos Cemitério Municipal Papa João XXIII e no Cemitério dos Prates, a maioria não apresenta epígrafe, enquanto no Cemitério dos Paivas os túmulos com epígrafe são a maioria. Porém, é importante destacar que no Cemitério dos Paivas o número de túmulos catalogados é menor, devido à ausência de informações nas lápides; destruição de alguns túmulos e ao fato de que o Cemitério é relativamente menor se comparado aos outros, pois possivelmente sua utilização ocorreu somente até a década de 1970 (segundo o que consta em nossos registros cemiteriais). Destacamos também que epitáfios observados em todos os cemitérios estão em grande medida relacionados às lembranças familiares.

No que diz respeito à simbologia é possível observar uma predominância do cristianismo através de símbolos gravados nas lápides, como: cruzes, flores, ramos de palmas, estrelas, uvas, trevos de quatro folhas e anjos.

Isso corrobora com a ideia de Ahlert (2017, p. 2) ao afirmar que “É próprio da ação do símbolo a representação de algo que está ausente. Sua criação e seu uso estão, deste modo, intrinsecamente vinculados a algo que não está e deve se fazer presente através de signos metafóricos, que afiançarão sua memória. A morte e os monumentos funerários, nesta perspectiva, são um grande meio de expressão simbólica.”

Diante de tudo que foi observado e diagnosticado, não podemos deixar de falar que há um descaso muito grande em relação aos cemitérios e acreditamos que isso possa ser explicado por diversos fatores, dentre os quais podemos destacar a percepção de que servem “apenas” para sepultar os mortos; ausência de familiares que possam buscar a manutenção e limpeza dos túmulos; descaso da administração pública e não compreensão do cemitério como fonte histórica.

Portanto, diante de tudo que foi discutido a partir da reflexão e estudo dos dados coletados, conclui-se que o diálogo destes dados nos permite a visão de que o cemitério serve como fonte histórica e que sua importância é inquestionável, no entanto, para compreender a materialidade presente em seu espaço é preciso levar em consideração que há uma perspectiva simbólica que constitui toda a dinâmica do que pode ser considerado “arte cemiterial”.

Referências Bibliográficas

- Ahlert, J. (2017). Cultura material funerária: as alegorias do Cemitério Vera Cruz (Passo Fundo/RS). Seminário Internacional de Cultura Material e Arqueologia, Passo Fundo, v. 1, (2017), 1-16. [Consult. 25 Jan. 2021]. Obtido na: <https://www.upf.br/uploads/Conteudo/ppgh/anais-seminario-internacional/2017/ahlert.pdf>.
- Araújo, T. N. de (2014). Hermenêutica e cemitérios: um olhar sobre o cemitério da santa casa em porto alegre. In *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, v. 16, n. 20, (2014), 82-95. [Consult. 20 Jan. 2021]. Obtido na: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/csr/article/download/12703/8075>.
- Bellomo, H. R. (Org.) (1994). *Rio Grande do Sul: aspectos da cultura*. Porto Alegre: Martins Livreiro.
- Blume, S. (2010). *Morte e morrer nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul: recortes do cotidiano*, 291p. [Consult. 19 Dez. 2020]. Obtido na: http://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/7649/Sandro%20Blume_.pdf?sequence=1&isAllowed=y.
- Dalmáz, M. (2000). Símbolos e seus Significados na Arte Funerária Cristã do Rio Grande do Sul. In Bellomo, Harry R. (Org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCS.
- Golin, T. (2008). A Guerra Guaranítica. In AXT, G. *As Guerras dos Gaúchos*. Porto Alegre: Nova Prova, 44-55.
- Gutierrez, R. (1987). *As Missões Jesuíticas dos Guaranis*. Brasil: Unesco, 110p.
- Oliveira, O. G. de. (2000). *Santo Augusto: 1815/20 até 1940*. Porto Alegre: Ed. Evangraf, 158 p.
- Vovelle, M. (1997). *Imagens e Imaginário na História: fantasmas e incertezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo: Ática.

